

REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2

Eduardo do Nascimento
(Organizador)



REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2

Eduardo do Nascimento
(Organizador)



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Rede contestado de educação, ciência e tecnologia 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Eduardo do Nascimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R314 Rede contestado de educação, ciência e tecnologia 2 /
Organizador Eduardo do Nascimento. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-375-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.757210508>

1. Educação. 2. Ciência e Tecnologia. I. Nascimento,
Eduardo do (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| A FORMAÇÃO DA COLÔNIA DE RIO DAS ANTAS E A GUERRA DO CONTESTADO (1911-1916) | |
| Márcia Janete Espig | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105081 | |
| CAPÍTULO 2 | 12 |
| A INCLUSÃO DIGITAL DE IDOSOS NA REGIÃO DO CONTESTADO | |
| Mônica Grandó | |
| Jane Suzete Valter | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105082 | |
| CAPÍTULO 3 | 24 |
| A PEDAGOGIA PRÁTICA DE JOÃO MARIA DE AGOSTINI | |
| Cleber Duarte Coelho | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105083 | |
| CAPÍTULO 4 | 33 |
| A PERSPECTIVA DE UMA PROFESSORA DA EPT NÃO LICENCIADA SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE | |
| Emanuelle Alves de Medeiros | |
| Eduardo do Nascimento | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105084 | |
| CAPÍTULO 5 | 44 |
| COMPARAÇÃO ENTRE DOIS MÉTODOS DE MAPEAMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM UNIÃO DA VITÓRIA/PR | |
| Cléria Maria de Melo | |
| Bruna Aparecida Alves da Silva | |
| Mariane Félix da Rocha | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105085 | |
| CAPÍTULO 6 | 56 |
| CONSERVAÇÃO, INSERÇÃO E EXPANSÃO DE ABELHAS NATIVAS SEM FERRÃO NA APP E NO ENTORNO DO IFSC CÂMPUS JARAGUÁ DO SUL-RAU | |
| Anderson José Antonietti | |
| Mário Cesar Sedrez | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105086 | |
| CAPÍTULO 7 | 69 |
| CORES E FRAGMENTOS NO MOSAICO ARTÍSTICO DO CONTESTADO | |
| Rita Inês Petrykowski Peixe | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105087 | |

CAPÍTULO 8..... 82

CULTURA E TECNOLOGIA NA REGIÃO DO CONSTESTADO: PERFIL DOS PARTICIPANTES DO PROJETO GRUPO DE DANÇA GAÚCHA DO INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE CÂMPUS VIDEIRA

Leila Lisiane Rossi
Bruno Pergher
Angela Maria Crotti da Rosa
Lizete Camara Hubler
Maurício Natanael Ferreira
Luiz Gustavo Moro Senko

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105088>

CAPÍTULO 9..... 91

DISPUTAS PELA MEMÓRIA DO TERRITÓRIO CONTESTADO: UM MAPEAMENTO DE PRESERVAÇÃO DA CULTURA CABOCLA

João Felipe Alves de Moraes
Diego Gudas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105089>

CAPÍTULO 10..... 103

ELEMENTOS PARA A PRÁTICA EXTENSIONISTA COMO INSTRUMENTO DE REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES NO CONTEXTO INTERIORANO BRASILEIRO

William Douglas Gomes Peres
Letíssia Crestani

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050810>

CAPÍTULO 11 115

ESTUDO DO USO DE DETERGENTE NO CONCRETO NA REGIÃO OESTE CATARINENSE

Simone Aparecida da Silva Souza
Débora Fátima Alberici

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050811>

CAPÍTULO 12..... 126

ESTUFA PARA CULTIVO DE PLANTAS UTILIZANDO ILUMINAÇÃO ARTIFICIAL LED: MONITORANDO GRANDEZAS ELÉTRICAS E AMBIENTAIS ATRAVÉS DE UM APLICATIVO PARA INTERNET DAS COISAS

Cláudio Eduardo Justin de Freitas
Lucas José da Rosa
Yuri Matheus Scheuer
Anna Baasch Raizer

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050812>

CAPÍTULO 13..... 139

IMIGRAÇÃO HAITIANA NA MICRORREGIÃO DE CONCÓRDIA: ASSOCIAÇÃO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

Jordan Brasil dos Santos

Jonathan Viana da Silva
Leon Mclouis Borges de Lucas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050813>

CAPÍTULO 14..... 151

INQUÉRITOS FORJADOS NO FIO DA DEGOLA: MAURICIO DE LACERDA E O DEBATE NACIONAL ACERCA DO CONTESTADO

Viviani Poyer

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050814>

CAPÍTULO 15..... 164

JOGOS PEDAGÓGICOS COMO FERRAMENTA DE ENSINO PARA ALUNOS COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Mariquiel dos Santos

Claudio Adão da Rosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050815>

CAPÍTULO 16..... 174

MEMÓRIA REDIMIDA: O PROCESSO DA CONSTRUÇÃO DO MONGE JOSÉ MARIA COMO PERSONAGEM DE RPG

Christian Yuri Machowski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050816>

CAPÍTULO 17..... 184

O NOVO VALE DOS IMIGRANTES: O CONFLITO ENTRE ECONOMIA E CULTURA

Alexandre Lima de Oliveira

Francine Soares de Almeida

Karen Wesseler Jung

Daniel Granada da Silva Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050817>

CAPÍTULO 18..... 192

O PATRIMÔNIO CULTURAL E INDUSTRIAL PRESENTE NO MUSEU HISTÓRICO E ANTROPOLÓGICO DA REGIÃO DO CONTESTADO

Lara Lima Felisberto

Merilena Alves de Lima Bueno

Juliana Aparecida Biasi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050818>

CAPÍTULO 19..... 205

OS HABITANTES DA GUERRA DO CONTESTADO (1912 – 1916): UMA ANÁLISE SOBRE O USO DO TERMO “CABOCLO” NA LITERATURA SOBRE O CONFLITO

Nathan Marcos Buba

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050819>

CAPÍTULO 20.....218

PERFIL SÓCIOECONÔMICO E CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS CATADORES DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS NAS UNIDADES DE TRIAGEM DO MUNICÍPIO DE JOAÇABA

Mariana da Silva Barreto
Eduarda de Magalhães Dias Frinhani
Renata Fornari

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050820>

CAPÍTULO 21.....231

PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DE REFUGIADOS E IMIGRANTES: A EXPERIÊNCIA DO INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA CÂMPUS CAÇADOR

Bianca Gonçalves Sousa de Moraes
David Ferreira Severo
Diogo Moreno Pereira Carvalho
Marta Ferreira da Silva Severo
Mayara Tsuchida Zanfra
Patricia Frangelli Bugallo Lopes do Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050821>

CAPÍTULO 22.....243

PROTAGONISMO DISCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA OPORTUNIDADE PARA A DESCOBERTA DA AUTONOMIA

Ana Claudia Viero
Patricia Frangelli Bugallo Lopes do Nascimento
Eduardo do Nascimento Karasinski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050822>

CAPÍTULO 23.....253

SALTOS DA HISTÓRIA: PERMANÊNCIAS DO CONTESTADO EM GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

Natan Schmitz Kremer
Alexandre Fernandez Vaz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050823>

CAPÍTULO 24.....265

SIMBOLOGIA CEMITERIAL NO CONTESTADO: LINGUAGEM, ARTE E RELIGIOSIDADE PROPOSITIVAS TEÓRICAS

Alcimara Aparecida Föetsch

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050824>

CAPÍTULO 25.....277

SUCESO DA ATER EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA NA REGIÃO DO CONTESTADO EM SANTA CATARINA: CONSTRUÇÃO DE UMA POLÍTICA PÚBLICA A PARTIR DE UMA REDE DE ATORES

José Antônio Louzada
Guilherme Radomsky

Marcelo Antônio Conterato

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050825>

CAPÍTULO 26.....289

TERRITORIALIDADE CABOCLA E DESENVOLVIMENTO NA PERSPECTIVA DA JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL

Gabriela Haswany de Almeida

Katya Regina Isaguirre-Torres

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050826>

CAPÍTULO 27.....300

TERRITÓRIO E TENSÕES DE TERRITORIALIDADES: UM DEBATE SOBRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO TERRITORIAL DO CONTESTADO

Marcia Chmura

Diane Daniela Gemelli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050827>

CAPÍTULO 28.....314

VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES: O RETRATO DE UMA REALIDADE A SER ENFRENTADA

Andrea Alves Cavalet

Hillevi Maribel Haymussi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050828>

SOBRE O ORGANIZADOR.....326

DISPUTAS PELA MEMÓRIA DO TERRITÓRIO CONTESTADO: UM MAPEAMENTO DE PRESERVAÇÃO DA CULTURA CABOCLA

Data de aceite: 23/07/2021

João Felipe Alves de Moraes

Mestrando em História, Universidade Federal
de Santa Catarina UFSC
Florianópolis
Professor da Educação Básica Municipal
Videira

Diego Gudas

Mestre em Desenvolvimento Regional,
Universidade do Contestado UnC
Canoíhas

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de produção de um mapa interativo sobre a presença cabocla na região do Contestado. A marginalização da história e da cultura cabocla no âmbito da narrativa oficial do Estado de Santa Catarina dificultou a preservação dos locais históricos da Guerra do Contestado. Neste trabalho discutimos o fato de que em dois momentos históricos distintos, as instituições públicas permitiram que esta população ficasse à margem da sociedade - no início do século XX com o esbulho da terra e em 2019 com a criação do IGR Vale do Imigrante. Para tal debate, utilizamos os conceitos de territorialidade de Paul Little (1994) e de memória de Michael Pollack (1989). A falta de um mapeamento de registro e divulgação; e a necessidade de preservação dos locais históricos e de memória da Guerra do Contestado fomentam a necessidade de um mapeamento da história cabocla.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra do Contestado, território, memória, mapa interativo.

1 | INTRODUÇÃO

Desde o século XX, houve uma disputa sobre a memória e história de Santa Catarina. A população cabocla do Contestado esteve à margem da memória oficial, sendo aproximada desta apenas na década de 1980. Em 2019, com a mudança de nome da Região Turística do Contestado para Vale dos Imigrantes, a narrativa oficial sobre a região voltou a excluir a população cabocla e a invocar a memória de um passado desbravador e pioneiro caracterizado pelo imigrante. Este artigo propõe uma discussão sobre esta memória em disputa, trazendo como conceitos de análise o de territorialidade proposto por Paul Little (1994) e de memória proposto por Michael Pollak (1989).

Na parte final do artigo, apresentamos um trabalho em andamento. Neste, projetamos a construção de um mapa interativo do Contestado, baseado no conceito de territorialidade. O mapa busca narrar a história da presença cabocla na região por meio das marcas sociais e culturais deixadas naquele espaço. O recorte temporal escolhido para esta investigação foi a Guerra do Contestado e a construção social proposta pelos caboclos naquele período.

2 | UMA MEMÓRIA EM DISPUTA

O Planalto Catarinense - palco da Guerra do Contestado – foi espaço de encontro de diversos grupos étnicos: caboclos, indígenas, negros, italianos, poloneses, alemães, etc. A guerra colocou frente a frente a população cabocla da região e as elites locais associadas ao projeto de modernização do Estado: construção da ferrovia e redistribuição das terras estatais para a colonização. Não havia espaço para o caboclo nesse projeto, o qual, paulatinamente, no início do século XX, foi esbulhado das terras nas quais vivia a gerações.

A fé nos monges João Maria e José Maria aglutinou os caboclos na comunidade do Taquaruçu, onde, após atacados, iniciaram uma ofensiva contra as vilas e os coronéis. Uma das motivações sertanejas era a injustiça trazida pelo Governo Republicano. Uma carta encontrada na Estação de São João denunciava que entre os motivos estava a luta pela terra: “O governo da República toca os Filhos Brasileiros dos terrenos que pertence à nação e vende para o estrangeiro, nós agora estemo disposto a fazer prevalecer os nossos direitos” (QUEIROZ, 1966, p. 202).

As narrativas oficiais desonravam as motivações dos caboclos para a guerra e classificava-os como fanáticos, bandoleiros, bandidos e ignorantes. Abdon Batista – conhecido político e empresário catarinense - em entrevista ao Diário da Tarde de Curitiba ao ser perguntado sobre as motivações dos caboclos respondeu que não eram ligadas à questão de limites ou pela ocupação de terras, mas sim, que “o que há no sul, a par de muito banditismo, é gente sem trabalho, que tem aderido ao grupo do monge José Maria” (Diário da Tarde, 14/10/1914. Curitiba – PR). O poder público buscou pacificar a região por meio da violência, fazendo uso do exército e de civis armados. O período final do conflito trouxe morte e desgraça para aquela população, que, ao se entregar, esteve à mercê de processos judiciais e de execuções. Aqueles que não tiveram este fim foram realinhados à estrutura dominante, retornados ao mandonismo dos coronéis ou remanejados para outras regiões para exercer o trabalho rural (MACHADO, 2004, p. 326).

O discurso de vitimização foi recorrente nos inquéritos militares dos rendidos, que não falavam mais das injustiças praticadas pelo governo, nem na fé no Monge que os guiava, mas sim nas violências de seu último líder – Adeodato Ramos – que os obrigou a permanecer nas cidades santas e a lutar (Processo crime de sedição, Curitiba, 1915. Réu: Firmino Alves Cardoso. Acervo do Museu do Judiciário Catarinense). Este discurso vitimista foi uma estratégia de defesa da população rendida ao enfrentar os mecanismos do poder público. Centrar a responsabilidade das ações de guerra dos caboclos na figura de Adeodato, foi feito para auxiliar aquela população no retorno ao sistema que enfrentaram, buscando não sofrer as penas da lei de que eram acusados.

A memória da população cabocla ficou marcada pelos acontecimentos do fim da guerra e o discurso dos vencedores prevaleceu inclusive entre os caboclos. Até a década

de 1980, o silêncio pairou entre os vencidos e o poder público catarinense. Como nos lembra Pollak (1989), o silêncio não significa esquecimento:

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas (POLLAK, 1989, p. 5).

Este período de mudança foi paulatinamente construído pelos pesquisadores que, no decorrer da década de 1960, visitaram a região e registraram o que aquela população tinha a contar sobre a guerra. Extensos trabalhos foram realizados pelos sociólogos Maurício Vinhas de Queiroz e Maria Isaura Pereira de Queiroz na região, recolhendo fontes oficiais – processos, inquéritos, jornais, manuscritos, arquivos pessoais, telegramas – e relatos orais de caboclos participantes do conflito. Porém, foi somente no período de redemocratização do país que o Contestado passou a ser amplamente debatido como temática pelo movimento social, pesquisadores e pelo poder público (MACHADO, 2011, p. 178). Pesquisadores foram enviados pelo poder público para a região registrar as narrativas contadas pelos caboclos. Neste período, com fomento estadual foi gravado pela Irani Produções o documentário “Contestado – A Guerra Desconhecida”, além de um livro denominado “Contestado”, reimpresso em 1998 pelo Senado Federal. Nestas ações, o Contestado foi tema de debate, e a história da população cabocla esteve figurada na História do Estado. Nas palavras do então senador Esperidião Amin “O Estado de Santa Catarina vem procurando resgatar a inteireza dos acontecimentos que formam o complexo episódio da Questão e da Guerra do Contestado. Esta iniciativa homenageia o Povo Catarinense, seus valores e sua História.” (SENADO FEDERAL, 1998, p.4). A partir deste momento, o Estado passou a reconhecer a história da população cabocla. Pelas palavras do corpo editorial deste livro, foi perceptível que isto não foi feito naturalmente pelo poder público, mas sim como resultado da atenção dada pelo movimento social ao tema e pela pesquisa realizada por sociólogos e historiadores na região desde os anos 1960. As pesquisas do poder público viriam a “apaziguar” os ânimos dos descendentes daquela população e dos historiadores.

Com esta fórmula editorial esperamos estar contribuindo para uma melhor compreensão dos eventos históricos associados com este tema de natureza controversa; e que essa compreensão apazigue os ânimos dos muitos descendentes daqueles envolvidos nos conflitos e dos historiadores que vasculham este passado de guerra entre irmãos (SENADO FEDERAL, 1998, p.7)

Em 2007, foi institucionalizado pelo Governo Federal as Instâncias de Governança Regional (IGR) para o turismo dos Estados, com o intuito de regionalizar os planejamentos do Turismo, tendo, assim, maior participação da comunidade. Na região que abarca o Meio Oeste catarinense foi criada a IGR Vale do Contestado, que buscou promover o turismo

Analisando o “Mapa das Regiões Turísticas de Santa Catarina”, foi possível perceber a consolidação do projeto aprovado por meio da mudança e desmembramento do “Vale dos Imigrantes”, este para a promoção da cultura do imigrante europeu. O símbolo utilizado para retratar o âmbito cultural desta região foi o chapéu tirolês -amplamente utilizado para a promoção da Oktoberfest (maior festa de promoção da cultura alemã do Brasil) – também utilizado para as regiões turísticas “Vale Europeu” e “Caminhos do Alto Vale”. Neste desmembramento, quase todos os municípios nos quais passa a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande foram para o “Vale dos Imigrantes”, representando novamente a exclusão dos caboclos deste espaço, em um primeiro momento – no início do século XX – com o esbulho das terras feito para a construção da ferrovia e para a colonização, e na atualidade para a promoção da cultura do imigrante.

Salvaguardar os pontos de referência da história e cultura de um grupo, em detrimento do outro - em um estado multicultural - levantou o debate sobre a disputa pela memória oficial da região. Ao salvaguardar e promover a cultura dos imigrantes, buscou-se reforçar o sentimento de pertencimento daquela população, assim como, delimitar a fronteira de sua cultura com as marginalizadas e excluídas.

3 | MAPA INTERATIVO: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR

A presença de luso-brasileiros no planalto meridional deu-se por volta de 1700 - quando, por necessidade de muares para abastecer os trabalhos realizados em Minas Gerais na exploração do ouro - sulistas da região da Campanha no Rio Grande do Sul foram levados a cruzar o planalto com rebanhos de muares para o comércio na feira de Sorocaba. O caminho aberto viria a criar uma rede de sociabilidade particular ao redor do negócio de muares, tendo inclusive famílias se distribuído nas diferentes vilas que se criaram no trajeto. Vários meses eram gastos nas viagens. Para que os animais chegassem em boas condições para a comercialização, os viajantes invernavam nos campos naturais do trajeto (QUEIROZ, 1966, p. 15).

O caminho das tropas interligou a região, que no século XIX passou a aumentar seu povoamento por meio de uma frente pastoril e uma frente extrativista de erva-mate. Esses dois procedimentos criaram um estilo de vida pautado na lida com o gado: no dever do peão, que laçava e ferrava; e da extração da erva-mate: trabalho desenvolvido pelas famílias de peões e agregados, que durante o inverno adentravam as matas. Por meio desta narrativa histórica da região, encontramos a categoria sociocultural “caboclo” utilizada para denominar a parcela pobre do meio rural do planalto - que etnicamente pode descender de portugueses, afrodescendentes e indígenas. O termo “caboclo”, mais do que sua etnicidade, demonstra a condição de vida dos sertanejos pobres, além de seus costumes e cultura (MACHADO, 2004, p. 48). Na lógica social, os caboclos normalmente eram posseiros de pequenas extensões de terra às margens dos rios, ou a beira de matas

e utilizavam a agricultura e a extração para sua subsistência; eles também ocupavam os papéis de peões e agregados dos fazendeiros.

Segundo Brandt e Nodari (2011, p. 83) a população cabocla do planalto meridional apresentou algumas características próprias decorrentes do contato com uma pluralidade de grupos sociais, do conhecimento adquirido sobre espaço geográfico e o uso de seus recursos. São eles: a dependência dos recursos naturais, o que pode ser exemplificado pela extração da erva-mate para consumo e comércio, e a utilização de produtos da mata para consumo e alimentação de animais, entre eles: o pinhão, frutas e mel; o conhecimento sobre a natureza, transmitido de geração a geração por meio da oralidade – neste caso os monges possuem um papel importante, sendo eles defensores da natureza e transmissores de conhecimento; a noção de território; a valorização do trabalho de subsistência; a valorização do meio comunitário e familiar; a tecnologia simples e pouco acúmulo de capital; a autoidentificação; e a ampla utilização dos laços sociais do compadrio e de parentesco para a manutenção das atividades sociais, culturais e econômicas.

A territorialidade desta população se deu pelo fato de que suas atividades econômicas, sociais e culturais se desenvolveram a partir do espaço ao qual estavam inseridas. Uma das práticas econômicas é o puxirão, caracterizado pelo auxílio mútuo dos moradores da comunidade. Mesmo vivendo em propriedades distintas, os caboclos se reuniam para auxiliar seus vizinhos nas tarefas, revezando o local de trabalho pela necessidade do trabalho. Essa prática socioeconômica reforçava a cooperação da comunidade, além de contribuir para a realização de atividades culturais. A entrevista apresentada por Brandt e Nodari (2011, p. 84) – coletada em 2005 em Fraiburgo - reforça essa dinâmica social provocada pelo puxirão:

Nós fazíamos bailes de levantar poeira. [...] Eu fazia baile, eu e meu marido. [...] Fazia aquele puxirão fazia de tudo, homem trajado de bombacha. [...] Coisa mais linda aqueles bailes. [...] Dava baile, não dava briga não dava nada. Fazia aquele mundo de quítera pro puxirão, fazia bastante arroz e de noite tinha o baile. (BRANDT e NODARI, 2011, p. 84)

A religiosidade ligada à crença nos monges João Maria formou uma das principais características culturais dos caboclos do planalto. A passagem dos monges no século XIX criou uma tradição joanina entre os caboclos, que, ligados a um catolicismo popular, passaram a crer nos atributos sobrenaturais do monge. Welter (2007, p. 78), em pesquisa relacionada à tradição joanina no planalto, discorre sobre a coletividade dos atos religiosos dessa população, que coordenada por lideranças laicas e ampla participação da comunidade, recorrem a João Maria. A religiosidade interliga-se com a vida social dos caboclos: “o reforço dos laços de sociabilidade e das redes de reciprocidade, estímulo de valores sociais fundamentais como honra, hierarquia, solidariedade, respeito e justiça” (WELTER, 2007, p. 78).

Segundo Paul Little (1994, p. 2), a memória coletiva é “uma das maneiras mais

importantes pelas quais os povos se localizam num espaço geográfico”. O sentimento de pertencer está ligado a essa memória coletiva, que pode se pautar na relação com um espaço repleto de condições morais. Utilizando o conceito “paisagem moral”, Little descreve que uma população pode estabelecer a territorialidade atribuindo “à paisagem um significado moral e até redentor”. A territorialização dos caboclos no planalto catarinense pode ser explicada por meio da tradição joanina, utilizando o conceito de paisagem moral. A criação de lugares sagrados e a execução de rituais nesses lugares criam uma memória afetiva pelo espaço, entre os caboclos do planalto há uma ligação com determinadas nascentes de rios, pois elas seriam abençoadas pelo monge, tendo, inclusive, poderes curativos. Os batismos das crianças realizados por essa comunidade eram realizados nestas nascentes.

As disputas pela terra foram reforçadas com a chegada do capital internacional à região que em duas frentes – a construção da ferrovia e o loteamento de terras para colonização – passou a expulsar e ameaçar a presença do caboclo em seu território. Um novo grupo social se estabeleceu na região e passou a disputar a ocupação do espaço. A grande onda de migrantes para o meio-oeste ocorreu após a Guerra do Contestado - na década de 1920 – resultando do processo de ocupação das terras devolutas e da revenda das terras da Brazil Railway Company para descendentes de migrantes europeus moradores no Rio Grande do Sul (LINDENMEYER, 2009, p. 69). Segundo Little (1994, p. 9), cada deslocamento de um povo provoca uma manipulação complexa da memória coletiva, em prol de auxiliar no ajuste ao novo local. O migrante colonizador possui características específicas voltadas a uma visão de pioneirismo. Esse pioneirismo se desenvolveu pelo fato de que a memória está deslocada para o futuro, para onde essa população poderá chegar. Outra característica dessa memória de pioneirismo foi o fato de que, como política estatal, os imigrantes foram destinados a regiões consideradas despovoadas, sendo necessário o domínio da mata para então estabelecer os cultivos, criações e infraestrutura (TRUZZI e ZANINI, 2018, p. 5).

Este discurso sobre o pioneirismo foi um dos fatores para a reterritorialização das populações migrantes europeias na região, sendo determinante para a formação de uma memória coletiva que diferenciava o migrante do restante da população do planalto. Como apontou Brandt e Nodari (2011, p. 86), a partir deste momento houve dois extremos: a colonização – com total apoio político e econômico – na remodelação do território, e os caboclos na disputa pela preservação da sua maneira de uso e ocupação do território.

A disputa pela memória do Estado retornou, recentemente, a cultura cabocla para a subalternidade. Neste artigo, propomos, com o uso de uma linguagem específica, explorar a presença cabocla na região do Contestado no período da Guerra Sertaneja. A linguagem escolhida foi a cartografia temática, pois nos permite traçar uma narrativa em plano visual, o qual a escrita não atinge. Desde o início da humanidade, as formas de representação estavam presentes. A cartografia se desenvolveu como uma expressão da visão que o autor tem sobre o espaço estudado (MARTINELLI e GRAÇA, 2015, p. 914). Nesse sentido,

a cartografia externa a pesquisa e a aproxima do interlocutor.

Um dos principais problemas que os militares encontraram ao chegar na região foi a falta de um mapeamento. Este fato foi narrado pelo General Mesquita, responsável por uma das campanhas enviadas para acabar com a insurreição campesina. De forma a contornar este problema, Mesquita contou com os serviços do clérigo José Lechner, que confeccionou croquis sobre a topografia e ocupação da região (QUEIROZ, 1966, p. 174). Foi durante a campanha seguinte, realizada pelo General Setembrino de Carvalho, que uma cartografia voltada ao uso da guerra foi amplamente desenvolvida. Os mapas e croquis confeccionados pelos oficiais daquela campanha permitem-nos perceber traços da ocupação cabocla no período da guerra. Observando o mapa (Figura 2) foi possível perceber que esta região possuía muitas comunidades interioranas, conectadas por estradas diversas, que formavam uma teia de ocupação e interação social. Cada ponto azul deste mapa representa um ponto de ocupação: redutos e cidades santas caboclos, vilas ou comunidades; os traços representam as estradas da região.

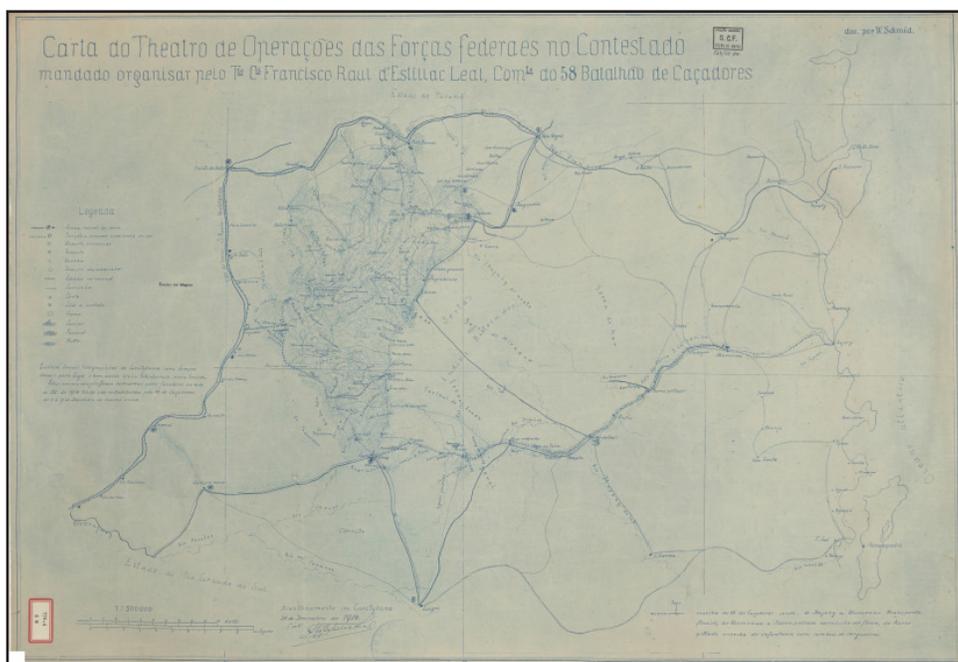


Figura 2. Croquis do teatro de operações no Contestado.

Fonte: Fundo Francisco Bhering. BR RJANRIO F4.O.MAP.668. http://querepublica.eessa.an.gov.br/images/conteudo/pdf/BR_RJANRIO_F4_0_MAP_0668_d0001-1.pdf acessado em 23/11/2020.

A ocupação do território por parte dos caboclos deixou traços de sua vida social, econômica e cultural. Por meio da pesquisa em documentos do período, visitas e auxílio de pesquisadores da temática propomos o desenvolvimento de um mapa que privilegie

a presença dos caboclos na região do Contestado. Os mapas elaborados pelos oficiais durante a Guerra nos permitem quantificar - de maneira estimada - as cidades santas, redutos e guardas levantadas pelos caboclos. Para os sertanejos, os redutos não eram apenas uma vila para a moradia, mas sim, um espaço para a realização de seu culto religioso, festas, reuniões em comunidade, refeições coletivas, preparação para os piquetes e demais eventos sociais. Nos redutos, encontravam-se todos os fatores que constituíam a territorialidade cabocla da região. Por este fato, buscamos neste primeiro momento mapear os redutos do período da guerra. Para a realização deste mapeamento contamos com a ajuda do pesquisador Gerson Witte, que realizou extensos trabalhos de campo na região, e nos cedeu suas anotações sobre as coordenadas dos redutos.

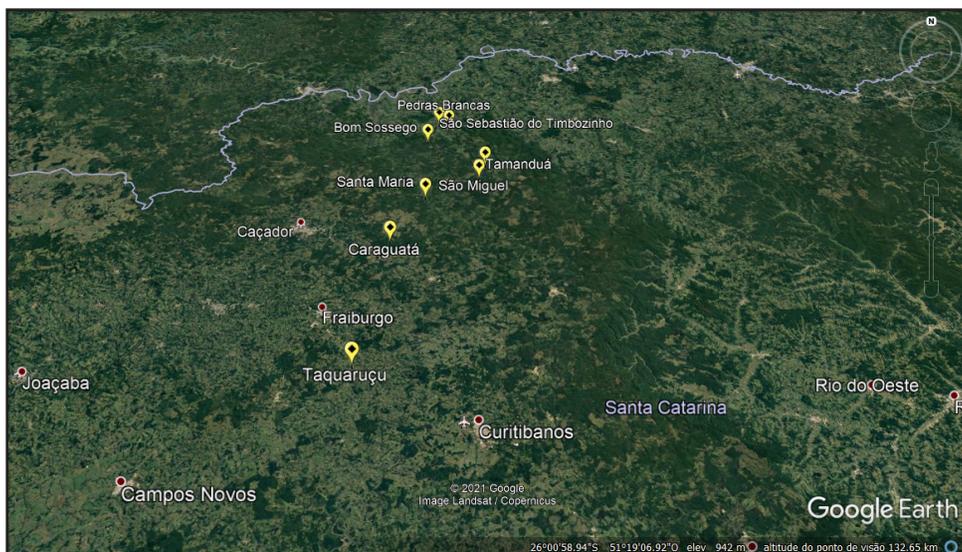


Figura 3. Mapa de marcações dos redutos da Guerra no Contestado em território Catarinense.

Fonte: do próprio autor.

O *software* utilizado para esta marcação foi o *Google Earth*, pois ele nos permite uma gestão de mapas em camadas, sendo possível escolher quais camadas estarão disponíveis para visualização. Além das marcações, tornou-se necessário o desenvolvimento de um banco de dados com uma ficha de cada lugar, com informações referentes a sua localização, assim como uma narrativa histórica do local. Ao acessar o mapa, o visualizador tem acesso às fichas dos locais, para assim, perceber uma narrativa histórica contada por meio de um mapa.

O campo cultural pode ser explorado por meio da marcação das fontes de água caracterizadas pela benção dada pelo monge João Maria, relembradas pela população cabocla - outros lugares representativos seriam as igrejas e cemitérios do período. O

mapeamento das “fontes do monge” pode servir como incentivo a preservação e tombamento destes espaços como patrimônio ambiental. Neste sentido, o patrimônio ambiental está ligado à natureza como herança intocada pelo homem, ou pouco modificada. De toda forma, é difícil dissociar patrimônio ambiental do cultural, como no caso das fontes de água do monge. Ao analisar a Constituição de 1988, Gerhardt e Nodari (2016, p. 58) relataram que o patrimônio ambiental foi utilizado como conceito para atribuir a responsabilidade – para o Estado e a sociedade - de preservação do meio ambiente equilibrado ecologicamente.

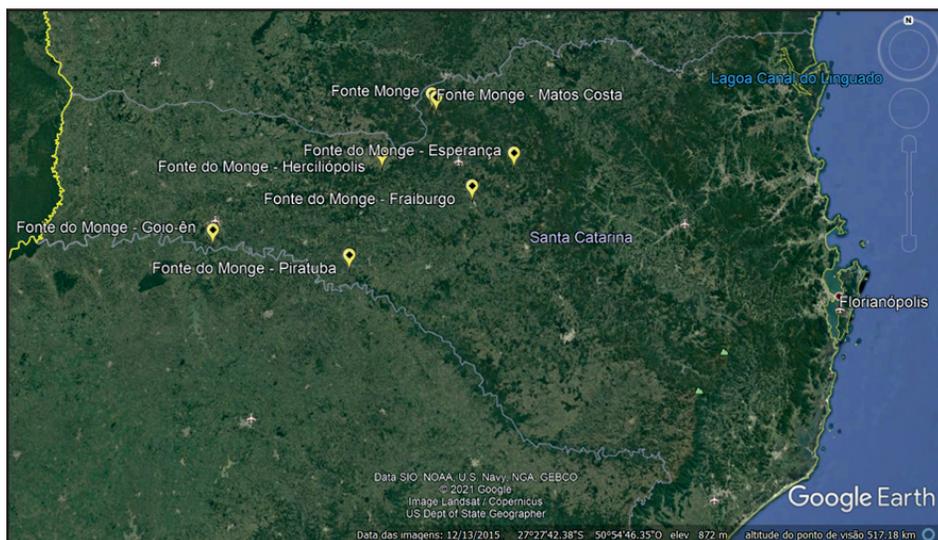


Figura 4. Mapa de marcações das “Fontes do Monge” em Santa Catarina.

Fonte: do próprio autor.

A sobreposição de várias camadas de mapa permite ao visualizador responder diversas perguntas sobre a temática, relacionando o grupo estudado e sua história ao espaço, percebendo os traços de sua territorialidade. Entre as perguntas estão: Onde as histórias se desenvolvem? Qual a movimentação dos personagens no território? Onde começa e onde termina? Qual função que o lugar possui para este grupo? E no campo do turismo é possível por meio de fotos e relatos discutir as permanências materiais encontradas nestes espaços. O modelo de mapa que serve como base metodológica e estrutural para a confecção deste foi o desenvolvido pelo programa “Santa Afro Catarina”, que busca propor roteiros de visitação temática em Florianópolis, tornando um mapa o marcador dos lugares de memória africana (Mapa Santa Afro Catarina. Disponível em: <http://santaafrocatarina.ufsc.br/santaafrocatarina/?secao=espaco>). Neste mapa do século XXI, o visualizador encontra as marcações de uma Desterro do século XIX. Nesta primeira versão em desenvolvimento manteremos como *software* o *Google Earth* e a lógica de

busca em camadas. O leitor pode selecionar as camadas as quais visualizar e ao clicar em um local específico recebe no próprio mapa uma descrição histórica daquele espaço.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do conceito de territorialidade proposto por Little, pudemos deslocar nossa análise sobre a história e cultura cabocla ao campo da interdisciplinaridade, percebendo uma cultura cabocla ligada ao espaço geográfico do planalto meridional. A reterritorialização de grupos imigrantes vindos para a região levou a uma disputa pelo território durante o século XX. Esta disputa pelo território ficou marcada nas narrativas daquelas populações, que até a atualidade estão em choque dentro de uma memória oficial do Estado. Os caboclos, utilizando o conceito de memória de Pollak, estiveram à margem de uma memória oficial até a década de 1980, quando finalmente foram ouvidos por pesquisadores, grupos sociais e enviados oficiais. O silêncio decorrido do trágico fim da Guerra do Contestado - até então encontrado na região - não se tratava de um apagamento da história cabocla, mas sim da marginalidade que esta população estava inserida após os acontecimentos.

As disputas pela memória oficial tiveram um novo capítulo em 2019, quando as lideranças políticas da região resolveram utilizar-se da gerência da IGR para mudar o nome da região turística para Vale dos Imigrantes, apagando a proteção e promoção dos traços culturais, sociais e históricos das populações caboclas. O espaço antigamente conhecido por Vale do Contestado no turismo agora representa apenas o território do imigrante.

Buscamos por meio da proposta de criação de um mapa interativo revigorar esta disputa pelo território do planalto meridional, reconhecendo e apontando os espaços históricos, culturais e sociais de presença cabocla. Em um primeiro momento, marcando os redutos e cidades santas levantadas por estes sujeitos durante a Guerra do Contestado e as fontes santas do Monge. Este mapa buscará narrar a história dos caboclos na região, e com sua confecção, auxiliar na criação de roteiros de visitação e projetos pedagógicos, para, assim, incentivar uma política pública de preservação da cultura e história cabocla no Vale dos Imigrantes.

AGRADECIMENTOS

Especial agradecimento ao professor Gerson Witte pela sua gentileza em compartilhar os resultados de sua pesquisa de campo na região do Contestado.

REFERÊNCIAS

BRANDT, Marlon; Nodari Eunice. Comunidades tradicionais da Floresta de Araucária de Santa Catarina: territorialidade e memória. **História Unisinos** 15 (1) : 80-90, Janeiro/Abril 2011– doi: 10.4013/htu.2011.151.09. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/964/0>

BRASIL. **Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil. Cadernos de Turismo.** Módulo Operacional 3 – Institucionalização da Instância de Governança Regional. Brasília: Ministério do Turismo, 2007.

GERHARDT, Marcos; NODARI, Eunice Nodari. Patrimônio Ambiental, História e Biodiversidade. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science.** Anápolis. v. 5, n. 3, 2016.

LINDENMEYER, Pedro Marcon. Colonização e devastação no planalto oeste catarinense. 2009. **Revista Santa Catarina em História.** Florianópolis. UFSC. Brasil., v.1, n.2, 2009. Disponível em: <http://www.nexos.ufsc.br/index.php/sceh/article/viewFile/140/159>. Acesso em: 12 out. 2019. ISSN: 1984-3968

LITTLE, Paul E. Espaço, memória e migração: por uma teoria da reterritorialização. **Textos de História,** Brasília, v. 2, n.4, p. 5-25, 1994 – Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27706>

MACHADO, Paulo Pinheiro. Guerra, Cerco, Fome E Epidemias: Memórias e Experiências Dos Sertanejos Do Contestado. **Topoi,** v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 178-186.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado:** a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

MARTINELLI, M.; GRAÇA, A. J. S. Cartografia Temática: Uma breve história repleta de inovações. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Cartografia,** nº 67/4. Julho de 2015. P. 913-928.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Rio de Janeiro: **Revista Estudos Históricos,** vol. 2, n. 3, 1989.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social** (a guerra sertaneja do Contestado - 1912-1916). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SENADO FEDERAL. **Contestado.** Brasília, 1998.

TRUZZI, Oswaldo; ZANINI, Maria Catarina. **Italianidade nos interiores paulista e gaúcho:** uma perspectiva comparada. In: Imigração nas Américas: estudos de história comparada. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2018. Páginas 123-160.

WELTER, Tânia. **O Profeta São João Maria continua encantando no meio do povo.** Um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina. Tese de Doutorado em Antropologia Social. UFSC. Florianópolis, 2007.

REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

